

# A EXPANSÃO ORIENTALIZANTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

## Dados conhecidos e perspectivas

por

Virgílio Hipólito Correia \*

As reflexões que aqui se publicam foram apresentadas sob forma de comunicação ao Colóquio «Arqueologia Hoje» (Universidade do Algarve, Faro, Março de 1989) resultando algo desenquadradas numa discussão que versou sobretudo aspectos teóricos do estatuto da Arqueologia. Na altura dei uma ênfase especial à questão geográfica e topográfica dos sítios referidos; optei no entanto por, neste momento, ilustrar mais os objectos que indicam, quanto a mim, alguns fenómenos reveladores. A questão geográfica e topográfica poderá ser facilmente ilustrada por uma consulta das folhas respectivas da Carta Geográfica de Portugal (Esc. 1/50000, Serviços Geográficos de Portugal), de onde foram extraídos os diapositivos que ilustraram a referida comunicação.

### 1. O AVANÇO GERAL DO CONHECIMENTO SOBRE O TEMA

A investigação em estações do período orientalizante tem sido uma das áreas mais notavelmente desenvolvidas pelos arqueólogos espanhóis, em datas recentes. No nosso país o movimento não tem sido similar. Após a investigação sobre a epigrafia pré-latina do SW, de que Caetano Beirão (BEIRÃO 1986) produziu um estudo basilar, aguardam-se com expectativa as conclusões das escavações conduzidas por Ana Arruda (ARRUDA 1984 a, b, c)) que virão a

---

\* Museu Monográfico de Conimbriga.

ser determinantes para traçar o quadro de que vamos tentar apontar algumas características. Este tema tem vindo a ser referido por outros investigadores, como por exemplo M. A. Dias e L. Coelho (DIAS & COELHO 1983) ou M. G. P. Maia (MAIA 1986) em estudos recentes.

Do panorama espanhol, que uma recente obra de E. Aubet (1987) integra no problema geral do Mediterrâneo no período das colonizações, concluímos que à volta de uma colónia fenícia antiga — *Gadir* — surge uma ampla esfera de acção, comércio e contactos culturais, no Golfo de Cadiz, no vale do Guadalquivir e na bacia dos rios Tinto e Odiel. Com esta órbita está relacionado um conjunto de pequenas escalas portuárias na costa da Andaluzia oriental, surgidas com a finalidade de suprir, favorecendo o comércio terrestre, a por vezes difícil travessia do estreito de Gibraltar .

Este movimento, datado do fim do Sec. VIII e inícios do VII, está intimamente relacionado com a entidade cultural que é conhecida nas fontes clássicas como «Reino de Tartessos».

A questão que nos ocupa é, especificamente, como se expande este movimento para a fachada atlântica da Península, e até que ponto é a partir daí que alguns fenómenos fundamentais da protohistória do sul de Portugal poderão ser explicados. Ainda que escassos, são importantes os dados que têm vindo a ser publicados sobre jazidas da idade do Ferro, fornecendo material arqueológico de características orientalizantes, localizadas na costa atlântica da Península ou nos baixos vales dos seus rios mais importantes.

## 2. OS DADOS CONHECIDOS SOBRE A COSTA ATLÂNTICA

A amostragem dos dados disponíveis leva a considerar que o modelo de penetração colonial para Norte do Cabo de S. Vicente é substancialmente diferente do que é possível traçar para toda a área do Golfo de Cadiz, e ainda mais da costa oriental da Andaluzia. No golfo de Cadiz e no Algarve pontificam os estabelecimentos fenícios ou orientalizantes em pontos estratégicos na entrada dos rios, tal como na costa andaluza, mas os locais escolhidos são topograficamente mais marcantes que os pequenos ilhotes ou esporões baixos do Cerro del Vilar, de Toscanos, Mezquitilla ou Almuñecar (SCHUBART, NIEMEYER & CATALAN, 1964. SCHUBART & NIEMEYER, 1976. SCHUBART, 1982).

De facto Monte Molião e Castro Marim, tal como Huelva ou o Castillo de Doña Blanca respondem a um modelo de implantação diferente destes.

O caracter menos «aberto» do povoamento, em locais de condições naturais de defesa mais marcantes deve corresponder a características diferentes nas motivações socio-económicas da implantação de feitorias (se disso se trata). Sem dúvida que o caracter de «porto de escala e abrigo» seria aqui menos marcado, em favor de uma permanência de povoamento, assumida desde o início, e do papel que estes locais desempenhariam como pontos de recepção dos bens exportados pelas populações do interior e de distribuição dos bens de origem alógena.

Nos rios da costa meridional portuguesa — Mira, Sado e Tejo — são actualmente conhecidas, implantadas em pontos estrategicamente dominantes do fundo dos estuários, estações cuja cultura material é de cariz predominantemente orientalizante, e especificamente púnico, que poderemos classificar, até melhor definição, como feitorias — Odemira, Alcácer do Sal e Santarém. (TAVARES DA SILVA, SOARES, BEIRÃO, FERRER DIAS & COELHO-SOARES, 1981. ARRUDA, 1984. COELHO-SOARES, 1986.). Estas estações, cuja relação topográfica com o curso navegável dos rios está por determinar em pomenor, estão — e isto é um traço comum que as une — situadas num ponto bem interior na orla das rias flandrianas que (aproximadamente) traçarão a área dos estuários de meados do 1º milénio A. C.

Em Alcácer do Sal e em Santarém estão documentados os influxos orientalizantes desde os inícios do Sec. VII A. C., que encontram nesses locais povoados indígenas, provavelmente com alguma importância. Em Odemira os vestígios de cronologia comparável são mais frustes, mas parece possível que a ocupação sidérica remonte também a datas recuadas.

Estes pontos, de importância certamente fundamental para o influxo orientalizante nas culturas do interior coexistem, em certa medida, com outros pontos de fixação de populações com contactos com o Mediterrâneo, como atestam os achados de Setúbal, Sines, Almogrove e da Ilha do Pessegueiro. Entre estas estações há no entanto que precisar adequadamente a sua identidade.

As características destes pequenos povoados ou necrópoles, pouco distantes da costa são variáveis, ou tal parece dado o estado actual da investigação, necessitando de uma análise caso a caso:

— Os níveis de alta datação do sítio da Travessa dos Apóstolos (Setúbal), uma jazida da Idade do Ferro, com uma evolução coerente com aquela detectada no Castelo de Alcácer do Sal, reforçam os testemunhos dos contactos marítimos com o Mediterrâneo desde o Sec. VII, tendo talvez desempenhado o papel de uma pequena escala portuária à entrada do rio. (SOARES & TAVARES DA SILVA, 1986)

- A necrópole do Gaio (Sines) mostrou um mobiliário funerário de uma sepultura do fim do Sec. VI ou inícios do V de nítidas características púnicas. (COSTA, 1967, 1972)
- São escassos os vestígios de ocupação sidérica na Ilha do Pessegueiro, mas parece determinado que populações de índole cultural púnica aí estavam estabelecidas em meadas do Sec. V. Outros dados terão sido destruídos pela ocupação romana posterior. (TAVARES DA SILVA, SOARES & COELHO-SOARES, 1982.)
- As contas oculadas recolhidas em Almogrove poderiam testemunhar uma sepultura congénere da do Gaio, mas com um mobiliário provavelmente mais pobre, mas também datada dos Sec.s VI-V. (VEIGA, 1904).
- Os achados da necrópole do Galeado (Vila Nova de Milfontes) representam uma necrópole do Sec. VI junto à foz do Mira, de características aparentemente bem diferentes das restantes conhecidas na costa, mas de cronologia comparável, os dados são no entanto insuficientes para uma análise mais cuidada. (BEIRÃO & GOMES, 1983). A afirmação de que parte do material é na realidade proveniente da Necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) não introduz variações significativas nesta análise, e necessita em todo o caso de ser cuidadosamente verificada. (GAMITO, 1988)

### 3. A EXPANSÃO ORIENTALIZANTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

A cronologia e a localização destes achados permitem, em nossa opinião, traçar o quadro geral da expansão comercial de origem mediterrânica a Norte do Cabo de São Vicente:

— Uma primeira fase em direcção a estabelecimentos indígenas situados no fundo das rias flandrianas. Estes contactos parecem ser feitos em grande escala, a avaliar pela brusquidão com que se dá uma introdução maciça de produtos de origem oriental, se bem que dirigidos a um reduzido número de pontos de penetração. Uma comparação do material recolhido em Alcácer do Sal com o de Huelva e da Costa Andaluza levaria a pensar em contactos mais estreitos com a ria de Huelva do que em navegações directas dos fenícios até à costa atlântica, isto dada a proporção de materiais de características propriamente peninsulares, nomeadamente o importante papel da cerâmica cinzenta polida nos estratos sidéricos do Castelo de Alcácer do Sal, não frequente nas

colónias da costa da provincia de Málaga. Um facto que contradita esta observação é o de os pratos de verniz vermelho de Alcácer do Sal, terem bons paralelos em Toscanos, em especial no que respeita á largura dos bordos e á sua proporção relativa ao diâmetro total, e não em Huelva (TAVARES DA SILVA, SOARES, BEIRÃO FERRER DIAS & COELHO-SOARES, 1981; e comentário pessoal de Carlos Tavares da Silva). Devemos aguardar uma oportunidade em que mais dados possam ser equacionados para analisar miudamente esta questão.

Na sequência deste fenómeno, são os estuários dos rios, como um todo, que entram em contacto com o mundo mediterrâneo, o que tem uma influência directa, e marcante na cultura material ao seu dispôr. A questão que se nos coloca é qual a intensidade do fenómeno no *hinterland* acessível a partir do vale do rio.

Achados como o jarro piriforme de bronze de Torres Vedras, de alta cronologia, bem próximo do estuário do Tejo, são também testemunho de um primeiro movimento de expansão para zonas que não pertencendo a «Tartessos», partilham com ele, e por causa dele, de importantes características culturais de índole orientalizante (BLAZQUEZ, 1975). No vale do Tejo começam, de facto, a desenharem-se os contornos de uma esfera muito activa de distribuição de produtos de índole orientalizante, como testemunham, além do referido jarro de Torres Vedras, os escaravelhos do Porto do Sabugueiro e os materiais da Pedra da Atalaia para além do ponto, evidentemente fulcral de Santarém (PEREIRA, 1975, PARREIRA & PINTO, 1978,).

São fósseis directores destes fenómenos as cerâmicas cinzenta fina e de verniz vermelho, a torêutica orientalizante e alguma ourivesaria. Os contactos por via marítima não parecem ser o meio privilegiado de comunicação neste momento. A grande identidade das culturas materiais conhecidas em pontos distantes, quer litorais, quer interiores, como Huelva, Alcácer, Medellín ou Cástulo (BLAZQUER, 1975. MIRANDA, 1975. ALMAGRO GORBEA, 1977.) demonstra que tais contactos são uma outra forma, não especialmente favorecida ou importante, de contacto entre os mesmos agentes que, por via terrestre e desde o Sec. IX A. C. criavam um grande espaço de contacto e interacção cultural no Sudoeste da Península (BREA, 1972. ALMAGRO GORBEA, 1977.).

O caracter altamente selectivo desta fase é testemunhado, pela negativa, pelo facto de povoados do Bronze Final em boas condições de apoio à navegação de cabotagem, mas isolados na costa alentejana, como a Cerradinha (TAVARES DA SILVA & SOARES 1974), terem sido negligenciados. Talvez isto tenha a ver com a periodicidade das viagens, condicionada pelas condições

climatérias do Atlântico, que provavelmente não permitiriam mais que um ciclo anual de ida e volta, aproveitando a calma do início do verão e aproveitando o *upwelling* de Agosto — Setembro no retorno (RIBEIRO, LAUTENSACH, & DAVEAU, 1987).

— Uma segunda fase marcada não por rupturas, já que nos sítios anteriormente referidos não são detectáveis alterações substanciais, mas por um alargamento da área tocada pelos presumíveis colonizadores / mercadores, que passa a ser constituída por um maior número de pontos ao longo da costa. Esta fase deve assistir a um desenvolvimento da navegação de cabotagem entre estes pequenos pontos. Pelas suas características deve ser considerada como especificamente púnica e o seu contacto com a cultura «cymnética» parece basear-se no comércio de artesanato de vidro, cerâmicas de origem helénica e alguma ourivesaria. Resta averiguar quais os produtos exportados.

#### 4. A CIVILIZAÇÃO «CYMNÉTICA» DO INTERIOR

A partir dos pontos de penetração que referimos, bem como de outros contactos com a área algarvia e gaditana, desenvolveu-se o complexo cultural da 1ª Idade do Ferro dos altos vales do Mira e do Sado, actualmente bem individualizado pela abundante epigrafia que produziu. (BEIRÃO 1986) A exploração e o comércio dos recursos metalúrgicos do interior parecem estar na base desta evolução e dos seus posteriores desenvolvimentos. A investigação não permitiu ainda afinar suficientemente a cronologia de fenómenos fundamentais de todo este processo, que parece estar em pleno desenvolvimento nos inícios do Sec. VI.

A civilização dotada de escrita que floresce no Sul de Portugal não é uma civilização costeira, nem sequer virada para as costas atlânticas, pelo menos, do achado das lápides não é possível inferir dados que isso indiquem. O recentemente noticiado achado da lápide de Alcoforado — devendo tratar-se na realidade de Alcanforado (S. Teotónio, Odemira) — se indica com alguma exactidão o local de uma necrópole será, no Alentejo, o mais próximo da costa até hoje detectado, situando-se no vale da Ribeira de Seixe, a cerca de 8 km do mar (o Dr. Caetano Beirão, com a colaboração do autor desenvolve esforços no sentido de vir a caracterizar o contexto arqueológico desta epígrafe).

As necrópoles conhecidas mais próximas da costa são as localizadas na orla do Barrocal Algarvio. As características das epígrafes conhecidas não nos levam a pensar nem numa sub-zona diferenciada nem numa significativa

diacronia, nem o volume de achados pressupõe que a zona do barrocal (ou a da Serra Algarvia ) tenham representado um papel fulcral no aparecimento ou desenvolvimento desta civilização. Estariamos assim em presença dos testemunhos limite da influência desta civilização «interior», e das vias pelas quais ela entrava em contacto com o mundo mediterrânico.

Esta civilização «cymnética» terá que ser localizada, como foco por excelência do seu desenvolvimento, nas penepianícies que envolvem os altos vales do Mira do Sado e dos afluentes do Guadiana, a Norte da Serra do Caldeirão. Os seus eixos de contacto primordiais não se orientariam para a costa atlântica mas por via terrestre ou por intermédio da costa algarvia que parece ter sido objecto de preferência, para as bacias do Guadalquivir e do Tinto e Odiel.

No entanto a investigação poderá ainda vir a demonstrar, com uma prospecção mais intensa nas áreas de Odemira e Aljezur, que esta zona provavelmente mais rica em achados do que actualmente perece, não constituía uma zona despovoada entre a área dos «cymnetes» e a costa atlântica. Materiais importados provavelmente durante o período que designamos de 2ª fase de penetração comercial (cerâmica ática de Fernão Vaz (BEIRÃO 1972, ânfora grega de Monte Beirão, BEIRÃO, 1986), escaravelho de Mealha-Nova (DIAS, BEIRÃO & COELHO 1973) e pequenas peças de ouvesaria da Favela Nova (DIAS & COELHO, 1983), abonariam talvez em favor desta hipótese.

## 5. O NORTE DE PORTUGAL

O fenómeno do impacto dos movimentos coloniais nas culturas indígenas está directamente relacionado com a distância dos centros mediterrânicos, pois parece claro que à medida que nos afastamos para Norte, e em cronologias estritamente comparáveis, é muito menor o impacto nas populações mais afastadas da costa e dos pontos de penetração.

São reveladores os casos de Santa Olaia e Conimbriga, cujo *hinterland* envolvente parece não ter respondido aos influxos orientalizantes que lá chegaram desde muito cedo — Conimbriga (ALARCÃO & PONTE, 1979. ALARCÃO & ETIENNE 1979) e com a suficiente regularidade para dar origem a uma cultura material bastante original — Santa Olaia — (ROCHA, 1971). Por outro lado, achados absolutamente surpreendentes como a fíbula — etrusca? — do Castro de Pirreitas (Alcobaça), revelam-nos que quase tudo está por descobrir e caracterizar (PONTE, 1984).

Questão diferente se põe com os achados de cerâmicas púnicas e gregas no

NW de Portugal, bem como de algum artesanato genericamente mediterrânico, que dada a sua ocorrência episódica testemunham apenas acções comerciais ou pouco continuadas ou mais tardias (Sec. V/IV) O volume de achados de Faria, Santo Estevão (FERREIRA DE ALMEIDA, BROCHADO DE ALMEIDA, SOEIRO, & BAPTISTA 1981) Romariz e Terroso (SILVA, 1986) podem de facto ser os vestígios de presentes entre chefes (*Keimelion*), ou de ocasiões esporádicas de trocas. Já outro será o caso do Tesouro de Baião, a nosso ver explicável apenas como fruto da ocultação da «bagagem» de um comerciante (SILVA, 1986). A tratar-se de um conjunto de jóias formando uma «parure» completa, tratar-se-ia de um conjunto único, sob qualquer perspectiva, espacial ou temporal — Como se usavam dois pares de arrecadas, absolutamente idênticos?. A datação mais consistente para este conjunto de jóias será, sem dúvida, a primeira metade do Sec. V. A corrente comercial que os transportou tinha certamente a sua origem em Cartago.

## 6. CONCLUSÕES

Creemos que uma análise dos dados e questões apresentadas nos permite traçar um quadro da expansão orientalizante no atlântico — sendo voluntariamente que evitamos a palavra colonização, que na realidade não cabe utilizar. Aguardando descobertas e conclusões de trabalhos que virão a enriquecer ou corrigir este quadro parece-nos existir, nos Sec. s VII e VI A. C., um movimento de contactos por via marítima entre a área do golfo de Cádiz e alguns pontos habitados no interior das rias flandrianas da costa meridional portuguesa. Este povo, os «cymnetes» (Avieno, *Ora Maritima*, 200-225) não seriam um povo especialmente virado para o comércio por via marítima, até porque a facilidade de contactos por via terrestre com o «reino de Tartessos» a isso não os estimularia.

Os agentes deste comércio são, em nossa opinião, os próprios tartéssios, de quem se afirma terem atingido a Bretanha (Avieno, *Ora Marítima*, 114.) Independentemente do valor desta referência parece provável que navegadores com origem em Tartessos, possam ter ultrapassado o Cabo de São Vicente.

O contacto entre estas duas áreas culturais a cymnética (SW de Portugal) e a tartéssica (Tinto / Odiel, Guadalquivir), esta última e por sua vez em relações muito estreitas com as colónias fenícias da costa andaluza, com Gadir e com o Mediterrâneo em geral, é um fenómeno de máxima ponderação na explicação da proto-história do Sul peninsular. A existência de uma entidade cultural com uma marcada individualidade cultural, com rasgos civilizacionais

desenvolvidos — entre eles a escrita — e abrangendo uma extensão aproximada do ideal do módulo de um estado antigo (Early State Module), cria perspectivas animadoras no domínio da investigação da interacção entre entidades comparáveis.

A partir dos inícios do Sec. V o panorama parece mudar, assistindo-se a uma muito mais intensa ocupação da costa por populações com uma cultura distinta, bem como uma mais frequente introdução no interior de objectos importados, quer helenizantes quer egíptizantes. É também neste momento que no interior a escrita é, aparentemente, esquecida. Este fenómeno deve-se certamente a Cartago e aos seus mercadores, que expandem a sua área de comércio muito para Norte, com importantes penetrações no vale do Mondego e alguns vestígios nos vales dos rios do NW de Portugal, em cronologias relacionáveis com as referências literárias à expedição de Himilcão. (Avieno, *Ora Marítima*, 117-129. Interpolação posterior no périplo massiliota, provavelmente de Éforo [antes do Sec. I] A. C. BARTOLONI, 1988).

Esta periodização tem os seus marcos em correspondência com a divisão da Idade do Ferro do Sul da Península numa Iª Idade do Ferro de características orientalizantes e uma IIª Idade do Ferro de características mais ligadas à Meseta. Parece assim impôr-se a ideia que a modificação das características culturais das populações do SW terá a ver com a mudança dos agentes do comércio mediterrânico que, ao substituir fenícios por cartagineses e ao reduzir o impacto do comércio grego com Tartessos, teria dado origem ao corte cultural do Sec. V A. C.

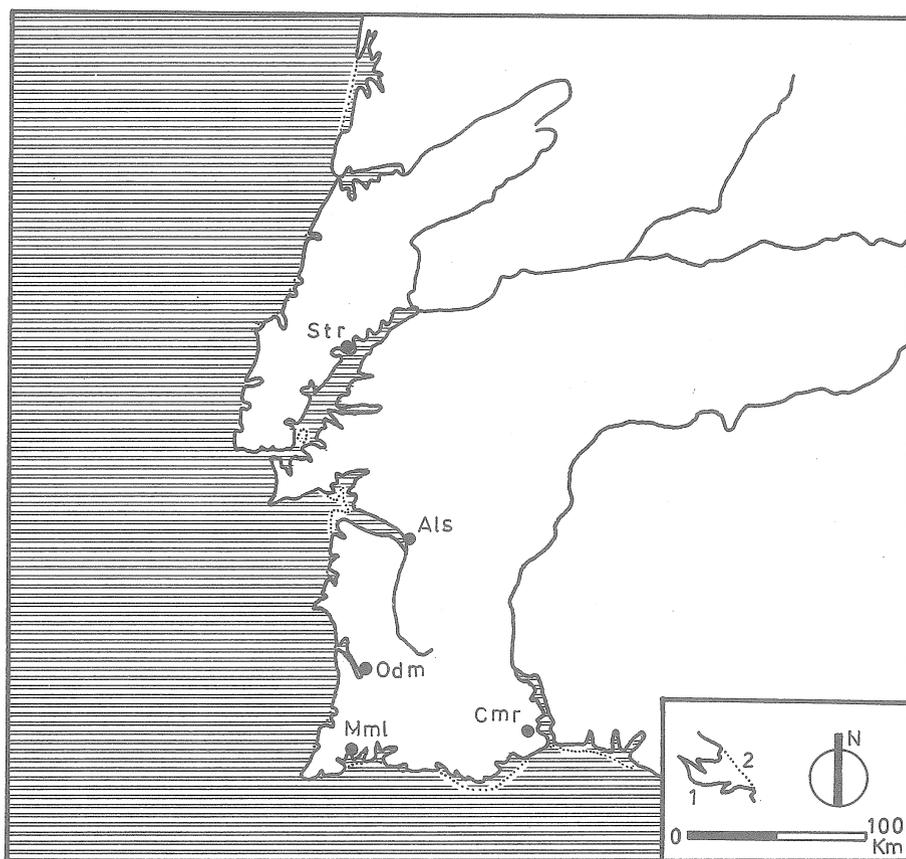


Fig. 1 — Principais jazidas orientalizantes na Costa Atlântica Portuguesa, sobre o traçado das rias flandrianas. 1 — Rias flandrianas. 2 — Costa actual.  
— Segundo RIBEIRO, LAUTENSACH & DAVEAU, 1987, modificado.

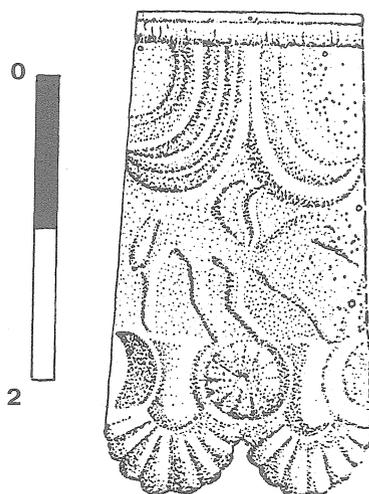


Fig. 2 — Placa da gargantilha do tesouro do Gaio (Sines). — Segundo BELLIDO, in BLAZQUEZ, 1975.

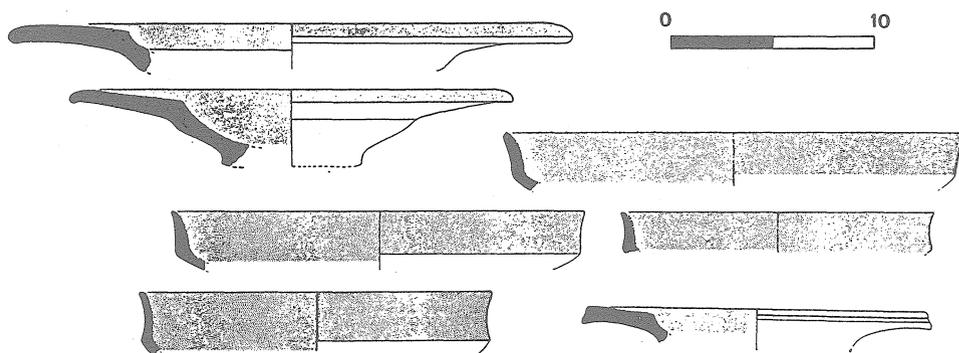


Fig. 3 — Cerâmicas de verniz vermelho do Castelo de Alcácer do Sal. — Segundo TAVARES DA SILVA *et alii* 1981.



Fig. 4 — Escarabóide - 1 - e escaravelho - 2 -, ambos com cartela de Thutmosis III, do Porto do Sabugueiro (Muge). - Segundo PEREIRA, 1975.

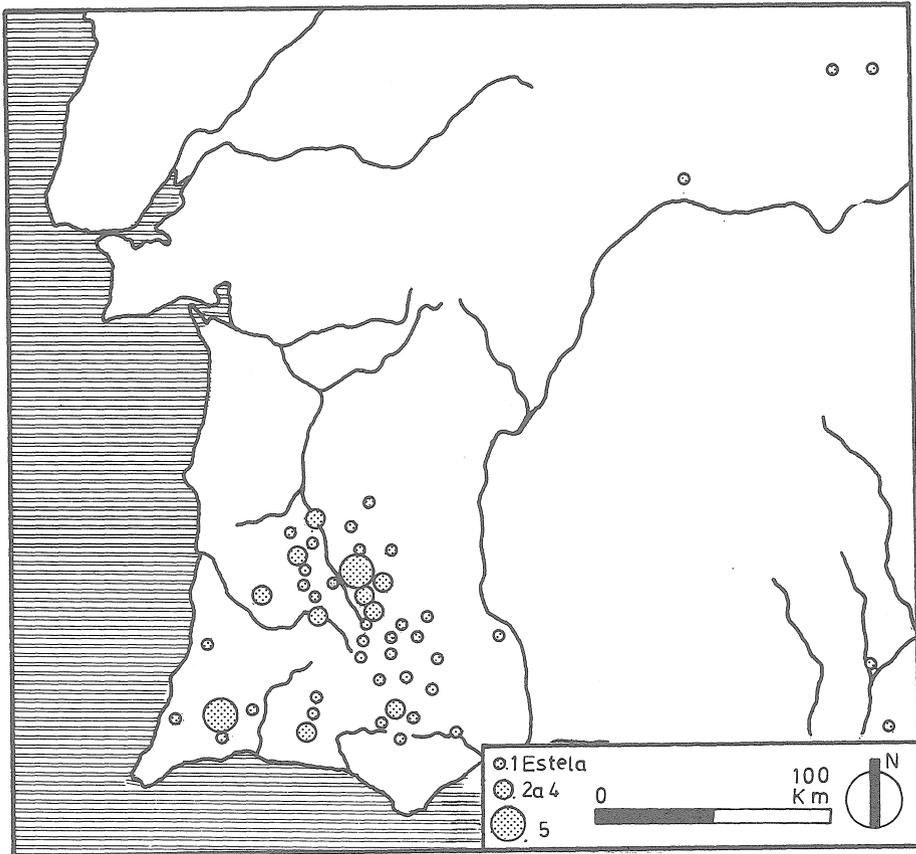


Fig. 5 — Distribuição geográfica das epígrafes do SW. — Segundo BEIRÃO & GOMES, 1988, modificado.



Fig. 6 — Estela VI da Fonte Velha de Bensafim (Lagos). — Segundo BEIRÃO & GOMES, 1980.

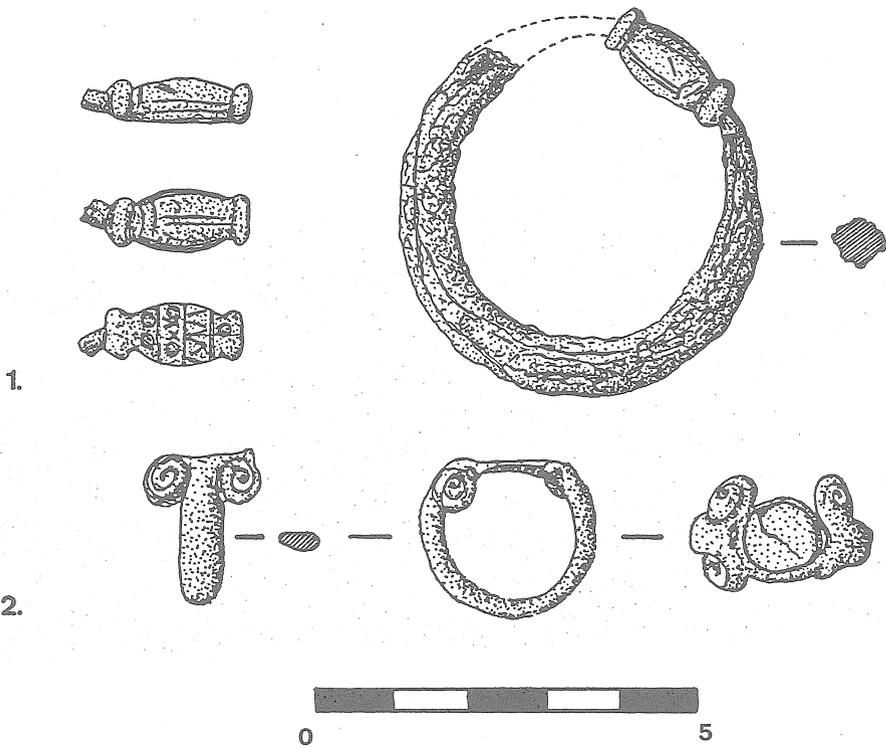


Fig. 7 — Escarabóide em bronze - 1 - e anel de prata - 2 - da necrópole da Favela Nova (Ourique). - Segundo DIAS & COELHO, 1983.

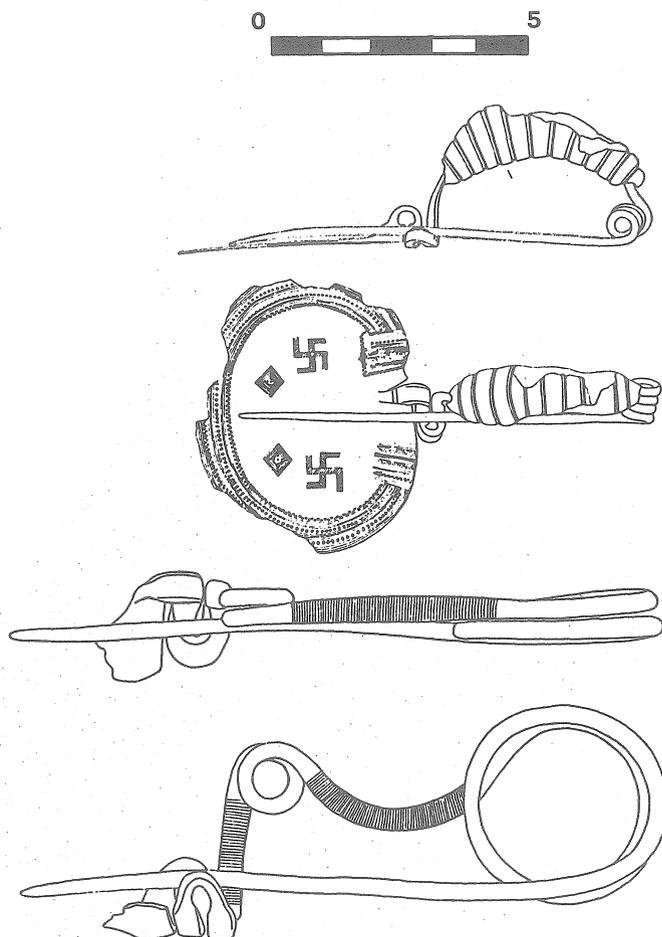


Fig. 8 — Fíbulas do Castro de Pirreitas (Alcobaça). — Segundo PONTE, 1984.

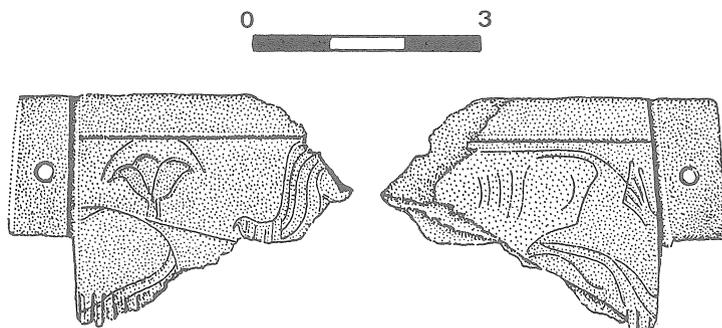


Fig. 9 — Pente de marfim de Conimbriga (Condeixa). — Segundo ALARCÃO & PONTE, 1979.